

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS
CAMPUS DE BAURU-SP

FERNANDA LAZARI KAWASHIMA

Projeto Experimental (Produto)

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL PARA
EDUCAR SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Bauru

2021

FERNANDA LAZARI KAWASHIMA

Projeto experimental (produto)

HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL PARA EDUCAR SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Trabalho de Conclusão de Curso (Projeto Experimental – Produto) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel junto ao Curso de Graduação em Relações Públicas, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Bauru. Orientadora: Profa. Dra. Raquel Cabral.

Bauru

2021

Fernanda Lazari Kawashima

Projeto experimental (produto)

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ESTRATÉGIA COMUNICACIONAL PARA
EDUCAR SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Cabral (Orientadora)
Departamento de Comunicação Social – Unesp/ Bauru

Dra. Michelle Moreira Braz dos Santos
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Ma. Nayara Kobori
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação – Unesp/Bauru

Bauru

2021

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível pelo apoio e ajuda de diversas pessoas, direta e/ou indiretamente, por isso, agradeço:

Aos meus pais, que se esforçaram tanto para proporcionar, a mim e à minha irmã, boas oportunidades de estudos e de vida. Sempre nos deram apoio, carinho e celebraram todas as pequenas vitórias conosco. Se hoje eu escrevo esta página, grande parte do mérito é deles. À minha irmã, meu exemplo de disciplina e comprometimento, por toda a cumplicidade. A vida e o home office ficam mais leves ao choramingar as pitangas e tomar um café no quarto vizinho. Aos meus avós e familiares por todo o carinho, atenção e por todas as experiências e memórias conjuntas. Ao Murilo, pela parceria em todos esses anos, por nunca poupar esforços para me ajudar, por ter uma paciência de Jó e por toda a gentileza e bondade.

A todos os professores que tive, do pré-zinho à graduação, por todos os conhecimentos transmitidos e por todas as oportunidades que isso me gerou. Em especial, aos meus professores da Unesp Bauru, que admiro com todo o coração e possuo grande carinho e respeito. Eu não poderia ter tido professores mais esforçados, comprometidos, humanos e bem-intencionados. Em especial, à minha orientadora, Raquel Cabral, que me ajudou para além da orientação no trabalho com sua calma, conhecimento e leveza. À Unesp Bauru, universidade pública, gratuita e de qualidade, por todas as experiências que tive lá, e por me apresentar uma nova realidade, me fazer enxergar o mundo com outros olhos e me tornar mais crítica e mais humana. A todos os projetos que participei durante a graduação, que me permitiram desenvolver habilidades e, principalmente, formar amizades.

Aos meus amigos de escola, cursinho, estágio, faculdade e vida. Não há nada como um ombro amigo para chorar, um sorriso e história boa para criar juntos e compartilhar, vitórias para celebrar, além de redações, layouts e trabalhos para ajudar.

Por último, mas não menos importante, à Valentina, minha irmã canina, que me ensina sobre *mindfulness* diariamente. Para ela nunca há tempo ruim ou preocupação com o amanhã, me lembrando de sempre aproveitar a vida presente.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, realizado em formato de projeto experimental (produto), é composto por um material comunicacional sobre preconceito linguístico. Baseado na crença da existência de uma única língua portuguesa que deva ser assim chamada, tal forma de preconceito, segundo Marcos Bagno (2007), faz com que as distintas variações linguísticas da norma culta padrão sejam compreendidas como “incorretas” ou “inadequadas”. Consequentemente, as pessoas que fazem uso de tal linguagem considerada “incorreta”, por vezes, podem vir a sofrer discriminações. Portanto, são necessárias estratégias para enfrentar e desnaturalizar o uso da violência na linguagem. Por essa razão, acreditamos que este material pode contribuir com os demais esforços educacionais voltados para desconstruir tal preconceito. De fato, essa desconstrução é fundamental porque, segundo Noletto (2010), valores como respeito à diversidade cultural, liberdade e tolerância são essenciais para uma cultura de paz. Portanto, este material visa apresentar uma proposta comunicacional e didática a ser trabalhada com estudantes entre 7 a 10 anos em escolas do interior do estado de São Paulo. Está composto por uma história em quadrinhos, um guia para orientar professores sobre como trabalhar a temática em sala de aula, e um encarte de atividades. O formato escolhido para o material atende aos princípios defendidos por Santos (2013), de que a história em quadrinhos pode despertar o interesse pela aprendizagem. Acreditamos que mediante atividades lúdicas que abordam o preconceito linguístico, a criança se familiariza com o debate e começa um processo de autoconhecimento de sua própria cultura e da diversidade cultural que a cerca.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito linguístico; comunicação para a paz; educação; história em quadrinhos.

ABSTRACT

This term paper, developed in an experimental project format (product), is composed by a communicational material about linguistic prejudice. Based on the belief of the existence of only one portuguese language that deserves to be called like that, this prejudice form, according to Marcos Bagno (2007), causes the different linguistic variations of the standard language to be understood as “wrong” or “inadequate”. Consequently, the people who use the language that is considered “incorrect”, sometimes, may suffer discrimination because of it. Therefore, strategies are needed to face and denaturalize the use of violence in language. Thereupon, we believe that this material can contribute with all of the other educational efforts that aim to deconstruct this prejudice. Indeed, this deconstruction is fundamental because, according to Noletto (2010), values like respect to the cultural diversity, freedom and tolerance are essential to a culture of peace. Therefore, this material aims to present a communicational and didactic proposal to be worked with students between seven and ten years old in schools of São Paulo state inland. It is composed by a comic, a guide to orient teachers about how to work the theme in the classroom and an insert with activities. The chosen format to the material accords to the principles defended by Santos (2013), which says that the comics can spark the interest in learning. We believe that, with the playful activities that approach the linguistic prejudice, the children become familiar to the debate and start a self-knowledge process about their own culture and the cultural diversity that surrounds them.

KEY-WORDS: Linguistic prejudice; communication for peace; education; comics.

Lista de figuras

Figura 1: Em um dos quadrinhos, a irmã mais velha explica para a mais nova sobre preconceito linguístico	19
Figura 2: Atividades lúdicas ao fim da história em quadrinhos	20
Figura 3: Uma das páginas do guia de orientação para os professores.....	21
Figura 4: Ambiente gráfico do Pixton	23
Figura 5: Ambiente gráfico do Canva.....	24

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL	11
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Todos os preconceitos são nocivos. O preconceito linguístico, especificamente, pode ter como causa as variedades regionais, geracionais, sociais e/ou situacionais da língua. Quando esse preconceito ocorre, há a desvalorização da variação linguística em questão e a desvalorização do próprio falante que, muitas vezes, é visto como inferior. Esse preconceito também vai contra o respeito à diversidade cultural, liberdade e tolerância, considerados por Noletto (2010) como valores necessários para a cultura de paz.

O preconceito linguístico pode provocar *bullying*, excluir pessoas dos grupos sociais, gerar atritos entre grupos identitários distintos, entre outras consequências muito prejudiciais para o convívio humano. Apesar disso, nota-se a ausência de ações comunicacionais e educacionais específicas voltadas para o enfrentamento desse preconceito em escolas no Brasil, que assumam a responsabilidade de uma educação para a diversidade, cultura de paz e não violência. Atualmente, prevalecem as Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos¹, estabelecidas pelo Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação em 2012 por meio da Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Contudo, sua aplicação no cotidiano escolar nem sempre é priorizado. Conforme estabelece o documento:

Nesse processo, a educação vem sendo entendida como uma das mediações fundamentais tanto para o acesso ao legado histórico dos Direitos Humanos, quanto para a compreensão de que a cultura dos Direitos Humanos é um dos alicerces para a mudança social. Assim sendo, a educação é reconhecida como um dos Direitos Humanos e a Educação em Direitos Humanos é parte fundamental do conjunto desses direitos, inclusive do próprio direito à educação. (BRASIL, 2012, p. 2)

Por isso, neste trabalho de conclusão de curso no formato de projeto experimental (produto), nosso **objetivo geral é apresentar a elaboração de uma proposta de material comunicacional visando a educação sobre o preconceito**

¹ BRASIL. Ministério da educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

linguístico para estudantes entre 7 a 10 anos em escolas do interior do estado de São Paulo.

O material é composto por uma história em quadrinhos, por atividades lúdicas para os estudantes, e por um guia de orientações para os professores e professoras com sugestões de como trabalhar o tema em sala de aula.

A história em quadrinhos foi desenvolvida para sensibilizar seus leitores a respeito da valorização de todas as variações linguísticas, além de orientar que não há “certo ou errado”, mas situações e culturas distintas. Assim, acreditamos que esta ação pode se somar aos esforços de muitas professoras e professores na educação voltada para desnaturalizar esse preconceito, especialmente, no ensino fundamental no estado de São Paulo, pois se trata de uma etapa essencial que impacta a formação dos futuros jovens e adultos.

Portanto, defendemos que a articulação dos três materiais (história em quadrinhos, guia para professores e as atividades lúdicas) pode ser uma estratégia comunicacional interessante para despertar o interesse inicial dos estudantes para, posteriormente, sensibilizar sobre esse debate tão essencial em nossas sociedades radicalizadas pela violência também na linguagem.

2. FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

2.1. Preconceito linguístico

Em um país extenso como o Brasil, a língua apresenta diversas variações linguísticas. Uma delas é a **regional**, que varia de acordo com as regiões do país e revela a ampla diversidade cultural na qual vivemos. Por exemplo, em alguns lugares, o mesmo alimento possui diversos nomes: mandioca, macaxeira, aipim, castelinha. Também, em alguns lugares é mais comum falar “tu”, sendo que em outros ouvimos mais o “você”. Esse regionalismo também se revela na pronúncia, na qual uma mesma palavra pode ser pronunciada de maneiras diferentes por conta do sotaque regional.

Outra variedade, a **geracional**, se dá pela diferença entre idades entre os falantes e as expressões e gírias utilizadas por eles, que costumam ser distintas. A variedade **social** é marcada pela diferença que as pessoas tiveram nos estudos formais, como a quantidade de anos frequentando a escola, acesso a livros, a qualidade da educação, entre outros fatores. Existe também a variedade **situacional**, que se dá pela adequação que as pessoas fazem de acordo com o lugar em que estão (uma festa ou em uma palestra, por exemplo).

Entretanto, o preconceito linguístico considera todas as variedades da norma formal da língua como incorretas, baseado na crença de que existe o “certo e o errado” ao se escrever e pronunciar as palavras. Ele se mantém vivo pela crença de que todos e todas deveriam falar e escrever de acordo com a gramática padrão, a norma culta da língua. Para Marcos Bagno (2007)

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2007, p. 38).

Além do desrespeito com a variação, existe também uma crença de que algumas variações são superiores em relação a outras. No caso do sotaque, por exemplo, muitas vezes, pessoas são desrespeitadas e até humilhadas pelas demais que as consideram como indivíduos que “falam errado” por possuírem um sotaque distinto das demais. Mas como Bagno (2007) nos mostra,

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam (BAGNO, 2007, p. 44).

Bagno também aponta que a gramática foi desenvolvida para descrever e fixar as manifestações linguísticas, ou seja, é decorrente dela. Para ele, porém, a gramática passou a ser utilizada como um instrumento de poder e controle e, a partir de então, se consolidou a ideia de que os falantes e escritores precisam dela.

Além de Bagno, José Luiz Fiorin, doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), também se posiciona contra o preconceito existente com a variação linguística e seus falantes. Em uma entrevista para a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), comentou que “Ridicularizar a língua que alguém fala é ridicularizar a sua própria identidade”. Além disso, comentou que a literatura não precisa ser escrita na norma culta, alegando que a “literatura incorpora todas as variedades da língua”.

Neurilene Martins (2016) apresenta um exemplo² do que foi dito por Fiorin ao contar o caso de uma estudante do curso de Pedagogia, filha de empregada doméstica, que cresceu ouvindo a mãe com baixa escolaridade a falar. Quando ingressou na escola, achou a forma como as demais pessoas falavam diferente da dela e ficava quieta por medo de ser corrigida pela professora. Esse depoimento nos deixa claro como o receio do preconceito linguístico pode atrapalhar a vida escolar de crianças.

Heloísa Ramos (2009), autora do livro *Por uma vida melhor*, feito para a Educação de Jovens e Adultos, apresenta grandes contribuições para a desconstrução do preconceito com a língua. Para ela, assim como para Bagno, as variações são eficientes meios de comunicação e o preconceito linguístico relacionado a elas é causado por um preconceito social. Já que a classe dominante geralmente tem maior acesso à escolaridade, utiliza mais a norma culta que a maioria da população, apropriando-se dela como um sinal de prestígio.

Luft (2000) também acredita que a língua portuguesa não se limita à gramática. Em seu texto, comenta que

² MARTINS, Neurilene. **É preciso combater o preconceito linguístico na escola**. 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/143/como-combater-o-preconceito-linguistico-na-escola>. Acesso em: 10 mar. 2021.

A boa comunicação verbal nada tem a ver com a memorização de regras de linguagem, nem com a disciplina escolar que trata das regras e que geralmente, em nossas escolas, toma o lugar do que deveriam ser as aulas de português: leitura, comentário, análise e interpretação de bons textos, e tentativa constante de produzir, pessoalmente, textos bons – enfim, vivência criativa com o idioma (LUFT, 2000, p.19).

Sobre a importância do respeito às variações linguísticas na educação, Corrêa e Almeida (2019) consideram que

Ao ingressar na escola a criança descobre que tudo o que aprendeu é considerado errado e, dessa forma, sua personalidade linguística se perde, abrindo espaço para o preconceito em relação a outros modos de se falar. Para que isso não ocorra é essencial que os professores levem em consideração o que a criança sabe, o que traz de casa e a forma como ela domina a língua materna (ALMEIDA; CORRÊA, 2019, p.5)

As autoras ainda comentam que é fundamental que estudantes não sintam que a variação linguística que utilizam são desvalorizadas, pois isso não estimularia o ensino-aprendizagem, podendo até desmotivar e desencorajar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCNs) abordam a variação linguística e sua fundamental relevância:

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades (...) A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (PCN, 1998, p. 81-2).

Com isso, podemos perceber que a língua portuguesa não é feita somente de regras da considerada “norma culta ou padrão”, mas que todas as suas variações devem ser valorizadas.

A desconstrução da violência referente ao preconceito linguístico, além de ser essencial para a defesa das diversas variações linguísticas e seus falantes, é também

um dos princípios que orientam a comunicação para a paz, que tem como objetivo desnaturalizar a violência na linguagem, como veremos a seguir.

2.2. Comunicação para a paz

Ensinar crianças sobre variação linguística pode contribuir com a desconstrução ou desnaturalização desse preconceito, ou seja, pode colaborar com ações concretas voltadas para promover uma cultura de paz. Em nossa cultura, costumamos normalizar violências mesmo que de forma não proposital, por meio da linguagem, ações políticas e estruturas socioeconômicas que a legitimam. Portanto, iniciativas que busquem o enfrentamento dessas violências são fundamentais para repensarmos e rompermos com esse ciclo de naturalização. Para Valesan,

A violência na vida social não é um fato que possa ser explicado e compreendido pela ação isolada dos indivíduos, seus temperamentos, irascibilidade ou ainda pelo uso de substâncias estimuladoras, como o álcool ou as drogas. A violência torna-se uma linguagem cujo uso é validado pela sociedade, quando esta se omite na adoção de normas e políticas sabidamente capazes de oferecer alternativas de mediação para os conflitos que tensionam a vida cotidiana, aprofundam as desigualdades e promovem injustiças visíveis. (VALESAN, 2015, p.11)

Assim como Valesan, Galtung (1969) propõe compreendermos a violência não como uma ação isolada de um indivíduo, mas como uma questão que possui inter-relações com as estruturas sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outras. Por essa razão, ele identifica três tipos de violência: a direta, a estrutural e a cultural.

Segundo Galtung (1969), a violência direta se refere àquela na qual é possível identificar a vítima e o agressor. Assim, a violência pode ser registrada, como em um assassinato, por exemplo. Já a violência estrutural, para ele, é aquela em que o autor da violência não é visível, apenas as vítimas. Segundo Raquel Cabral e Jorge Salhani (2017), na violência estrutural

[...] pode-se identificar as vítimas, mas os agressores estão diluídos por trás das estruturas sociopolíticas, econômicas e culturais desiguais, que produzem, por exemplo, desempregados, vítimas de crises financeiras, vítimas da fome, da violência policial ou do sistema patriarcal. (CABRAL; SALHANI, 2017, p.3)

Sobre a violência cultural, Galtung (2003) considera que se refere aos aspectos da cultura, como religião, ideologia, língua, a arte, ciências empíricas e formais, que podem ser utilizadas para justificar a violência direta ou estrutural. Essa violência é considerada a mais sutil entre as três porque não é possível identificar de forma evidente as vítimas ou agressores, já que estão por trás dos discursos sociais e aspectos culturais.

Assim como Galtung desenvolve o conceito de violência cultural, Bourdieu desenvolve o conceito de violência simbólica, sendo conceitos análogos na visão de Cabral e Salhani (2017). Bourdieu considera que a violência simbólica se materializa por “formas de coerção apoiadas na harmonia não consciente entre as estruturas objetivas e mentais” (BORDIEU, 2014, p. 151 apud CABRAL; SALHANI, 2017).

Bourdieu também considera que a sociedade se estrutura em um sistema de poder hierarquizado que tende a beneficiar somente uma parcela da população. Ao não considerar os interesses dos demais grupos sociais, cria-se uma dinâmica social na qual prevalece a dominação por parte dos grupos que concentram o poder. Isso atinge os indivíduos de uma forma pela qual se legitima a violência simbólica (BORDIEU, 1979 apud CABRAL; GONÇALVES; SALHANI, 2018).

Considerando a violência cultural e que ela se dá de forma coletiva e não individual, podemos reconhecer o papel da comunicação para sua legitimação, já que a comunicação pode reproduzi-la, propagá-la e naturalizá-la (CABRAL; SALHANI, 2017, p.3).

No sentido oposto da violência cultural, temos a cultura de paz. Segundo Noletto, ela está relacionada “à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos” (NOLETO, 2010, p.11). Para ele, essa cultura é baseada em tolerância e solidariedade, respeita os direitos individuais, assegura a liberdade de opinião e tenta prevenir conflitos. Noletto considera que valores como igualdade, respeito à diversidade cultural, liberdade, tolerância, diálogo e solidariedade são essenciais para a vida democrática. Também levanta que “A cultura de paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis” (NOLETO, 2010, p. 12). O autor considera que um esforço educativo prolongado é necessário para substituir a cultura da violência pela da paz. Cabral e Salhani também consideram a importância da educação para a paz:

Da mesma maneira com que a violência trespassa a ponta do iceberg de forma silenciosa e devastadora, atingindo os seus níveis mais profundos, a paz pode ter características semelhantes: ela pode ser ensinada e aprendida, até que se intrique na cultura e crie nela longas raízes. (CABRAL; SALHANI, 2017, p.3).

Assim, considerando a importância da comunicação para a paz, além da necessidade de desconstrução do preconceito linguístico, veremos a seguir a importância que as histórias em quadrinhos podem ter nessa dimensão.

2.3. Histórias em quadrinho

A história em quadrinhos foi escolhida como o principal material para este trabalho, pois se destaca no ensino-aprendizagem de crianças por apresentar imagens, cores, personagens e uma história, o que atrai a atenção. Segundo a professora Marjory Cristiane Palhares (2008)

Os quadrinhos são, inegavelmente, um poderoso veículo de comunicação, capaz de atingir com eficácia um grande número de consumidores dos mais diversos setores sociais e, portanto, capazes de divulgar valores e questões culturais que não devem ser simplesmente assimilados, mas avaliados e criticados (PALHARES, 2008, p.11).

Para Palhares (2008, p.12), os quadrinhos podem “sugerir questionamentos dentro de uma realidade social”, o que faz dele um ótimo instrumento para trabalhar preconceito linguístico com crianças. A autora ainda coloca que

Recentemente, o uso de história em quadrinhos nas salas de aula vem ganhando a preferência dos professores das mais diferentes áreas de atuação. Desde teses de doutoramento às aulas do ensino básico abordam o potencial reflexivo, artístico e pedagógico de um material que, até pouco tempo, era considerado simples literatura de entretenimento. Graças a seu caráter lúdico e formas simples de se comunicar, os quadrinhos conquistaram posição de prestígio na construção dos saberes (PALHARES, 2008, p.12).

A professora Maria Lúcia Pereira dos Santos (2013) também considera as histórias em quadrinhos materiais muito relevantes, pois são capazes de despertar no

estudante o interesse pela leitura e aprendizagem. Ela ressalta a importância da linguagem gráfica nesse processo:

Segundo Rama e Vergueiro (2012, p. 22), “palavras e imagens juntos, ensinam de forma mais eficiente”, visto que a interligação do texto e imagem possibilita ao leitor mais facilidade em compreender conceitos do que de forma isolada. As novas perspectivas educacionais sugerem que se utilize em salas de aula novas formas de ensinar, buscando utilizar diferentes ferramentas. Nesse contexto é que as HQs reforçaram seu papel como importante gênero discursivo, pois são histórias narradas em uma sequência estruturada quadro a quadro, por meio de desenhos e textos usando o discurso direto, característica básica da língua falada (SANTOS, 2013, p.5).

Com essas referências, podemos perceber que a história em quadrinhos pode ser uma ótima ferramenta para desenvolver oportunidades de aprendizagem com crianças sobre o preconceito linguístico de forma lúdica, didática e interessante.

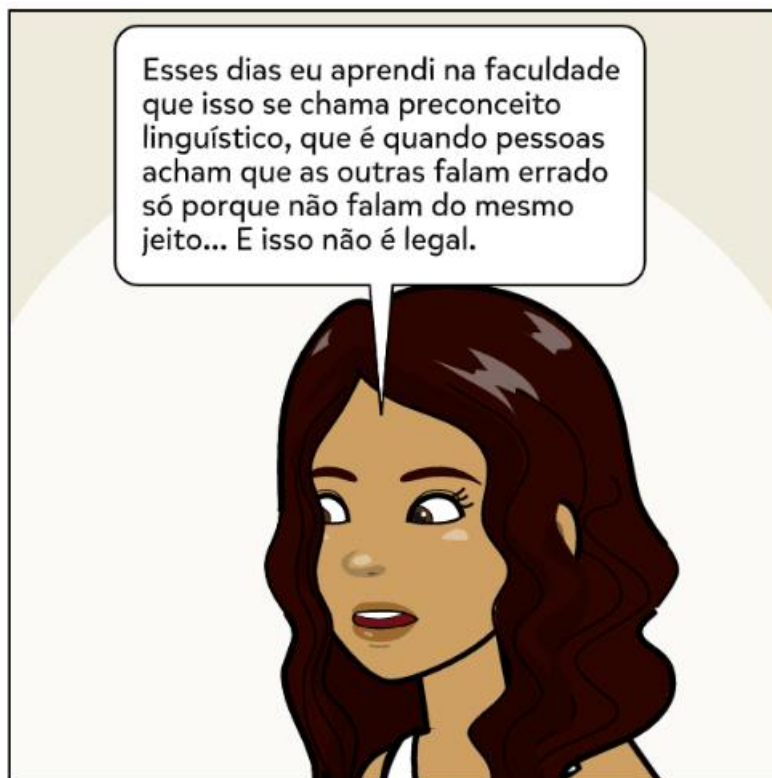
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso é composto por uma história em quadrinhos para ser trabalhada com alunos de 7 a 10 anos em sala de aula; por atividades lúdicas para serem realizadas após a leitura; e por um guia com orientações para auxiliar os professores.

A história em quadrinhos apresenta um diálogo entre duas irmãs, uma criança e uma universitária. A irmã mais nova alega que “tiraram sarro” dela na escola ao pronunciar uma palavra e a mais velha aponta se tratar de um preconceito linguístico, conforme a Figura 1, explicando o que é, exemplificando tipos existentes e apontando soluções. A proposta da narrativa é fazer com que os leitores identifiquem a situação dos quadrinhos com algo que já vivenciaram na realidade e consigam observá-la de outra maneira a partir da reflexão. O material foi baseado nos formatos das histórias em quadrinho da Turma da Mônica, apresentado no Anexo A, e apresenta 30 quadrinhos distribuídos em três por linha.

Devido ao tempo de realização deste trabalho e à pandemia, cabe destacar que não foi possível realizar uma pesquisa de campo aprofundada para averiguar as variações linguísticas mais utilizadas no interior de São Paulo, que podem ser foco de preconceito linguístico nesta realidade concreta. Por isso, uma “licença poética” está sendo utilizada para trazer alguns exemplos de variação linguística, que podem não ser utilizados frequentemente na realidade, com o intuito de ilustrar debates sobre o preconceito na linguagem.

Figura 1: Em um dos quadrinhos, a irmã mais velha explica para a mais nova sobre preconceito linguístico



Fonte: própria, 2021

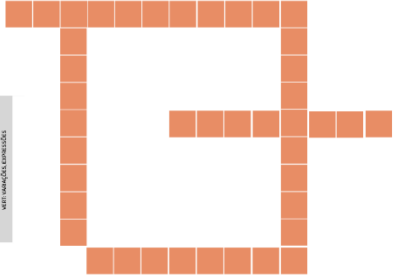
Ao final da história, são apresentadas atividades lúdicas a serem realizadas em sala de aula para entretenimento, reflexão e aprendizagem do conteúdo. As atividades foram baseadas nos passatempos dos gibis da Turma da Mônica, apresentados nos Anexos B e C.

Figura 2: Atividades lúdicas ao fim da história em quadrinhos

Atividades

Vamos encaixar as palavras em destaque nos quadrinhos?

As pessoas falam com diferentes **SOTAQUES**, **EXPRESSÕES** e **VARIAÇÕES**. Por isso, precisamos sempre tratar a todas e todos com **RESPEITO** por essa **DIVERSIDADE**!



BRUNO MAGALHÃES

Hora da busca! Vamos procurar no caça-palavras as palavras que estão em destaque no texto:

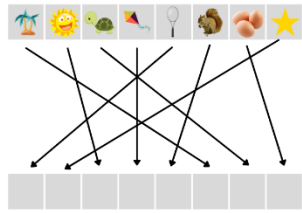
No **NORDESTE**, a palavra **ARRETADA** significa que algo ou alguém é muito **BOM** ou **LEGAL**, mas também pode significar que uma pessoa está **BRAVA**.

D	A	H	K	M	Q	A	C	F	V	A
H	B	U	B	G	A	I	T	E	P	V
T	R	F	N	O	R	D	E	S	T	E
L	A	K	B	E	R	J	I	L	O	J
D	V	A	N	G	E	H	C	E	P	U
N	A	M	E	L	T	U	O	G	Z	M
Q	B	O	M	C	A	R	S	A	F	R
V	O	J	P	Z	D	O	B	L	Q	S
B	R	T	S	D	A	N	K	I	L	G

BRUNO MAGALHÃES



Coloque a inicial de cada figura no local indicado. Vamos descobrir uma palavra muito importante para a convivemos bem!



BRUNO MAGALHÃES

Que tal eliminar as letras X, Y e Z para descobrir o fim da mensagem?

Zombar de diferentes formas de falar é...

X	P	R	E	Y	C	O	Z	N	C
E	Y	I	T	O	X	L	I	Y	N
G	U	Z	I	S	T	X	I	C	O

BRUNO MAGALHÃES

Fonte: própria, 2021

O guia com orientação aos professores foi desenvolvido como uma sugestão para auxiliar o desenvolvimento do tema com os alunos. Ele apresenta uma introdução sobre o preconceito linguístico, logo sobre a importância de os alunos refletirem e aprenderem sobre o tema e dá uma sugestão de como utilizar o material. Essa sugestão é formada pelos os tópicos: introdução do assunto em sala de aula para gerar uma reflexão inicial; leitura da história em quadrinhos; realização das atividades ao final da história; e pesquisa sobre expressões típicas em regiões do Brasil. O guia foi baseado em uma proposta de aula presente no site do Ministério da Educação, apresentada no Anexo D.

Figura 3: Uma das páginas do guia de orientação para os professores

Dados da aula

O que a aluna e o aluno poderão aprender com esta aula?

- O conceito de preconceito linguístico por meio da apresentação de explicações simplificadas e exemplos práticos;
- Que as variações linguísticas existentes no país não são incorretas e que merecem ser respeitadas, assim como os falantes da língua.

Orientações ao professor ou professora:

Para apresentar o conteúdo proposto aos alunos e alunas, sugerimos que o seguinte roteiro seja seguido:

- Primeiramente, recomendamos a introdução do assunto à aula, para gerar uma reflexão inicial por meio da exibição da imagem de algo, podendo ser objeto, alimento ou outro, que tenha nomes diferentes de acordo com a região do país. Por exemplo, o gelinho, que também é chamado de geladinho, sacolé, chup-chup, entre outros nomes. Outro exemplo é o corretivo usado nas escolas, também identificado como errorex ou branquinho em outros lugares;
- Com a imagem em exibição, pergunte aos estudantes o nome do objeto, alimento ou item escolhido. Caso sejam dadas respostas diferentes, pergunte se entre elas há alguma que deva ser considerada a “correta”. Caso todos deem a mesma resposta, explique que há maneiras distintas de se chamar tal elemento, dando exemplos e indagando, logo após a explicação, se as variações apresentadas devem ser consideradas “incorretas”;
- Após a resposta do grupo, prossiga para a leitura da história em quadrinhos. A história pode ser lida pela professora ou professor, pelas alunas e alunos em voz alta ou individualmente em seu próprio ritmo;

3.1. Público de interesse

O público de interesse deste trabalho são estudantes entre 7 a 10 anos de escolas do interior de São Paulo. Segundo o Caderno de Atenção Básica - Saúde da Criança: crescimento e desenvolvimento, elaborado pelo Ministério da Saúde (2014, p.124), é nesta faixa etária que se inicia o desenvolvimento dos julgamentos de autovalor. Por isso, os alunos e alunas começam a formar ideias sobre quem são, como devem agir, entre outros aspectos que traçam a personalidade de cada uma delas. Além disso, nesta faixa etária ocorre a diminuição da influência dos pais sobre as crianças, que perde espaço para a influência exercida por seus amigos e colegas da mesma idade.

Ainda, de acordo com Gallahue, Ozmun & Goodway (2013, apud SOARES, 2016, p. 22), são tarefas desenvolvimentais da segunda infância (6 a 12 anos) as de aprender a conviver com seus pares e desenvolver consciência, moralidade e uma escala de valores. Portanto, a aplicação do material de que trata este trabalho poderia ser benéfico para o desenvolvimento de tais aspectos.

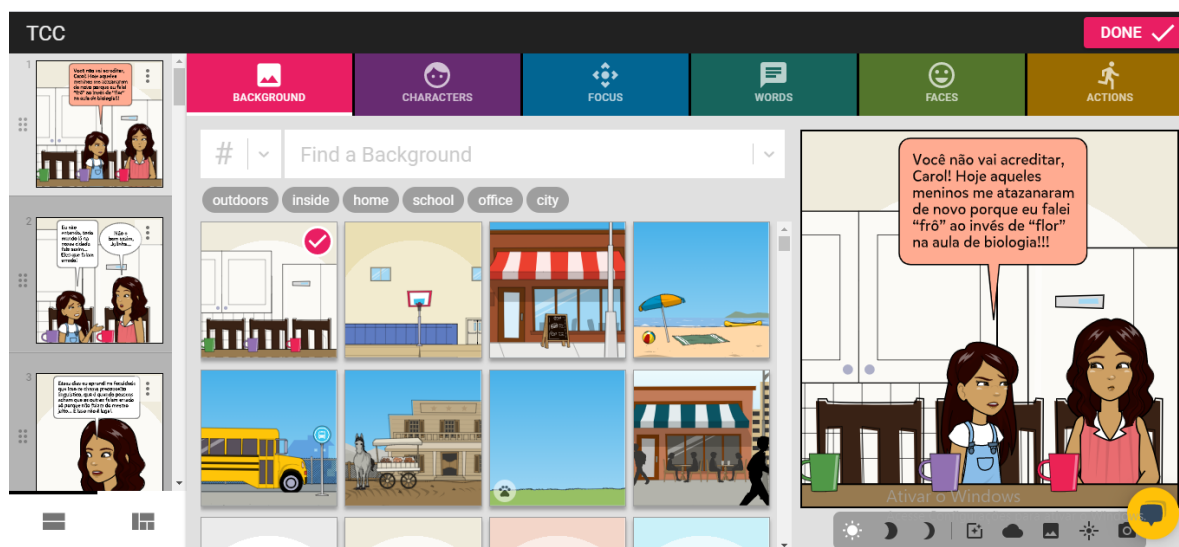
Sendo assim, acredita-se que abordar o preconceito linguístico numa perspectiva crítica é essencial nesta etapa de desenvolvimento dos estudantes já que nela se desenvolve a formação identitária intersubjetiva, ou seja, começam a desenvolver consciência de sua própria identidade. O ambiente e a forma em que será trabalhado também pode favorecer a aprendizagem, visto que ao trabalharem conjuntamente, as influências são múltiplas e colaboram para a formação da consciência moral e juízos de valor.

3.2. Projeto gráfico

O projeto gráfico da história em quadrinhos foi realizado pelo site Pixton, que é específico para a criação de histórias em quadrinhos. Ele é voltado para professores, alunos, empresas e pessoas buscando diversão. Após realizar o *login*, é possível criar a história e escolher planos de fundo, criar personagens, adicionar expressões faciais e posições das personagens, inserir balões de fala, entre outras ferramentas disponíveis. A utilização da plataforma é gratuita, porém, para realizar o download da história ou compartilhá-la com demais pessoas, é necessário escolher um plano pago. O Pixton foi escolhido entre os sites disponíveis para a criação de histórias em

quadrinho após a leitura do texto³ “7 ferramentas para criar história em quadrinhos com os alunos (2016)” no site Porvir – inovações em educação, que permitiu a comparação com as demais ferramentas e percepção de que seu layout seria o mais adequado para os estudantes, além da facilidade de utilizá-lo. A figura 4 apresenta uma das páginas de edição do Pixton.

Figura 4: Ambiente gráfico do Pixton



Fonte: própria, 2021.

Os projetos gráficos das Atividades para os alunos e alunas e o do Guia com orientação para professores e professoras foram feitos na plataforma Canva. Este software possibilita a criação e edição de design com diversas dimensões, além de ser intuitivo e gratuito. A figura 5 apresenta sua página de edição.

³ 7 ferramentas para criar história em quadrinhos com os alunos (2016)” disponível em: <https://porvir.org/7-ferramentas-para-criar-historias-em-quadrinhos-os-alunos/>

Figura 5: Ambiente gráfico do Canva

Fonte: própria, 2021.

Nesses dois materiais, Atividades e Guia, foram utilizadas as personagens da história em quadrinhos e as mesmas cores para criar uma mesma identidade visual.

3.3. Disponibilização

A disponibilização dos materiais se dará por meio de um PDF com os materiais, que será enviado por e-mail para as escolas. Devido à pandemia, as atividades presenciais nas escolas estão suspensas, o que impede a disponibilização impressa.

3.4. Estratégia de divulgação

A estratégia de divulgação se dará em 3 etapas:

1. Desenvolver um mailing de escolas públicas e particulares do interior de São Paulo com alunos de 7 a 10 anos;
2. Entrar em contato com as escolas, por telefone e/ou e-mail, apresentando o trabalho e o produto, explicando a relevância do assunto e a importância de trabalhá-lo com os alunos e alunas, exemplificando como poderia ser utilizado nas salas de aula;
3. Envio do produto e do manual ao professor por e-mail.

Após a divulgação e envio do material, será enviado às escolas um formulário para entender se o produto teve a aceitação dos alunos e professores, se foi possível desenvolver um debate em sala de aula após a leitura, e recolher sugestões de melhoria.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito linguístico pode ser produzido por inúmeros fatores e gera efeitos nocivos para os falantes da língua e para a sociedade, já que ele contribui para perpetuar as violências em sociedade

Sendo assim, neste trabalho, foram desenvolvidos materiais para desenvolver uma reflexão crítica com crianças de 7 a 10 anos de idade sobre o preconceito na linguagem, buscando uma sensibilização inicial, que poderá ser complementada com outras ações, atividades, relatos de experiências, além de uma série de estratégias que podem ser implementadas por uma gestão pedagógica da escola.

A história em quadrinhos e as atividades lúdicas foram elaboradas para abordar o assunto alinhado com a faixa etária correspondente. O guia de orientações para professores e professoras buscou introduzir o tema e dar sugestões de como pode ser trabalhado com os alunos em sala de aula.

Pessoalmente, desenvolver este trabalho foi uma experiência enriquecedora. Estudar mais sobre preconceitos de qualquer natureza é sempre necessário, afinal, como visto no conteúdo apresentado, ele se esconde até nas situações mais simples. Como cidadãos, entendo ser essencial que façamos nossa parte para não reproduzir essa violência que está enraizada em nossa cultura. Profissionalmente, pude aprender mais sobre como uma relações-públicas pode ter um papel relevante na promoção da cultura de paz, já que produzimos discursos, trabalhamos com gestão de relacionamento em organizações, entre outras atividades e responsabilidades. Ao final desta etapa de formação na universidade, vejo como é fundamental refletirmos criticamente para não reproduzir violências em nosso entorno, no ambiente de trabalho, e nos grupos sociais nos quais participamos. Nessa perspectiva, a educação tem ampla relevância para a desnaturalização dessa violência, uma vez que na escola há a possibilidade do encontro com o diverso. E é nesse encontro que descobrimos o mundo e aprendemos.

Sobre o produto, espero que os materiais desenvolvidos possam produzir um impacto social tanto para alunos e professores. Considerando todas as limitações do produto que foi desenvolvido, além do reconhecimento de que os processos de mudança são longos e complexos, espero que, de alguma forma, este Guia possa contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BRASIL. Ministério da educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da saúde. **Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento**. Cadernos de atenção básica, n. 33. 33. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 274 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_crescimento_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 29 jan. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro ciclo. Brasília: MEC /SEF, 1998.

CABRAL, R.; SALHANI, J. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v. 20, n. 3, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324228802_Jornalismo_para_a_paz_conceitos_e_reflexoes. Acesso em: 20 jan. 2021.

CABRAL, R.; GONÇALVES, G. SALHANI, J. Violência organizacional: reflexões a partir da perspectiva dos estudos para a paz. **Revista Organicom**, v. 15, n. 28, 2018. p. 247-265. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/issue/view/10839/1450>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CORREIA, S. C. G. **O preconceito linguístico na sala de aula**. Orientadora: Daiane Vithoft de Almeida. 2019. 13f. TCC (Graduação) - Centro Universitário Internacional UNINTER, 2019. Disponível em: <https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/intersaberes/article/view/1270>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FIORIN, J. L. **José Luiz Fiorin fala da polêmica sobre o livro didático "Por uma Vida Melhor"**. Notícias Univesp. Univesp TV. 2011.(16m11s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o7OINhxLrOg&feature=emb_logo. Acesso em: 10 jan. 2021.

GALTUNG, J. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, 1969, p. 167-191.

GALTUNG, J. **Violência cultural**. Gernika-Lumo: Gernika Gogoratuz, n.14, 2003. Disponível em: <https://www.gernikagogoratuz.org/wp-content/uploads/2019/03/doc-14-violencia-cultural.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

LUFT, C. P. **Língua e liberdade**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, Neurilene. **É preciso combater o preconceito linguístico na escola**. 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/143/como-combater-o-preconceito-linguistico-na-escola>. Acesso em: 10 mar. 2021.

NOLETO, M. J. A construção da cultura de paz: dez anos de história. In: DISKIN, L.; NOLETO, M. J. (coord.). **Cultura de paz: da reflexão à ação - Balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo**. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. p. 11-22.

PALHARES, M. C. **História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História**, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

RAMOS, H. **Por uma vida melhor: Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental**, vol. 2. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009. (Coleção Viver e Aprender).

SANTOS, M. L. P. dos; TÚLIO, M. **Histórias em quadrinho abordando a diversidade cultural: preconceito**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2013.

Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1.(Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_lem_artigo_maria_lucia_dos_santos_cluxnei.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021. ISBN 978-85-8015-076-6

Sete Ferramentas para criar histórias em quadrinhos com os alunos. **Porvir**, 2016. Disponível em: <https://porvir.org/7-ferramentas-para-criar-historias-em-quadrinhos-os-alunos/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SOARES, S.N.C. **A Aplicação da Psicomotricidade na Prática da Atividade Física enfatizando o Lúdico para crianças de 7 a 10 anos**. Universidade Cândido Mendes. Pós-graduação Lato Sensu. Rio de Janeiro: 2016 Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K233150.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

VALESAN, S. Apresentação. In: WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: mortes matadas por armas de fogo**. Brasília: 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.net.br/mapa2015.php>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ANEXO A

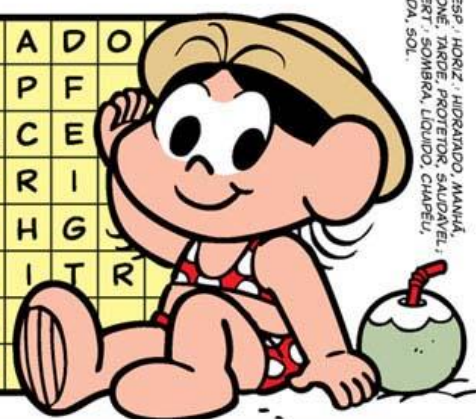


ANEXO B

PASSA TEMPO

VAMOS ENCONTRAR NO DIAGRAMA AS PALAVRAS GRIFADAS DO TEXTO ABAIXO?

O SOL É ESSENCIAL À VIDA. É SAUDÁVEL TOMAR SOL. MAS O MELHOR MOMENTO PARA APROVEITÁ-LO É PELA MANHÃ, ATÉ AS 10 HORAS NO MÁXIMO, E À TARDE APÓS AS 16 HORAS, SEMPRE USANDO PROTETOR SOLAR. É MUITO IMPORTANTE EVITAR A EXPOSIÇÃO AO SOL ENTRE AS 10 E AS 16 HORAS. NESSE PERÍODO, O SOL É MUITO FORTE! PARA SE PROTEGER, ALGUMAS DICAS: USAR CHAPÉU OU BONÉ, FICAR NA SOMBRA E BEBER BASTANTE LÍQUIDO PARA SE MANTER HIDRATADO.



RESP.: HORIZ.: HIDRATADO, MANHÃ,
BONÉ, TARDE, PROTETOR, SAUDÁVEL,
VERT.: SOMBRA, LÍQUIDO, CHAPÉU,
VIDA, SOL.

QUE TAL ELIMINAR AS LETRAS B, M, J E X PARA COMPLETAR A MENSAGEM ABAIXO?

TUDO PROTETOR SOLAR DEVE PROTEGER CONTRA ...



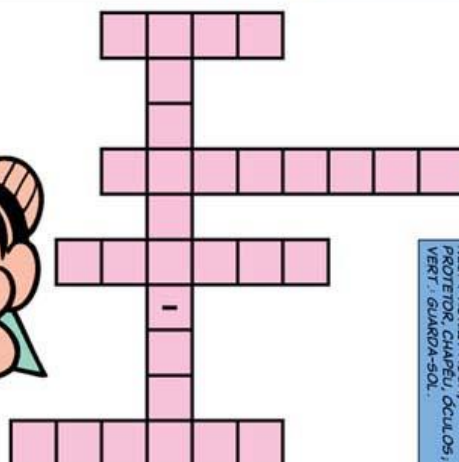
RESP.: A RADIAÇÃO SOLAR ULTRAVIOLETA DO TIPO A

VAMOS ENCAIXAR, NO DIAGRAMA AO LADO, ALGUNS OBJETOS QUE A MÔNICA E A MAGALI DEVEM LEVAR PARA A PISCINA?

- PROTETOR
- GUARDA-SOL
- CHAPÉU
- ÓCULOS
- ÁGUA

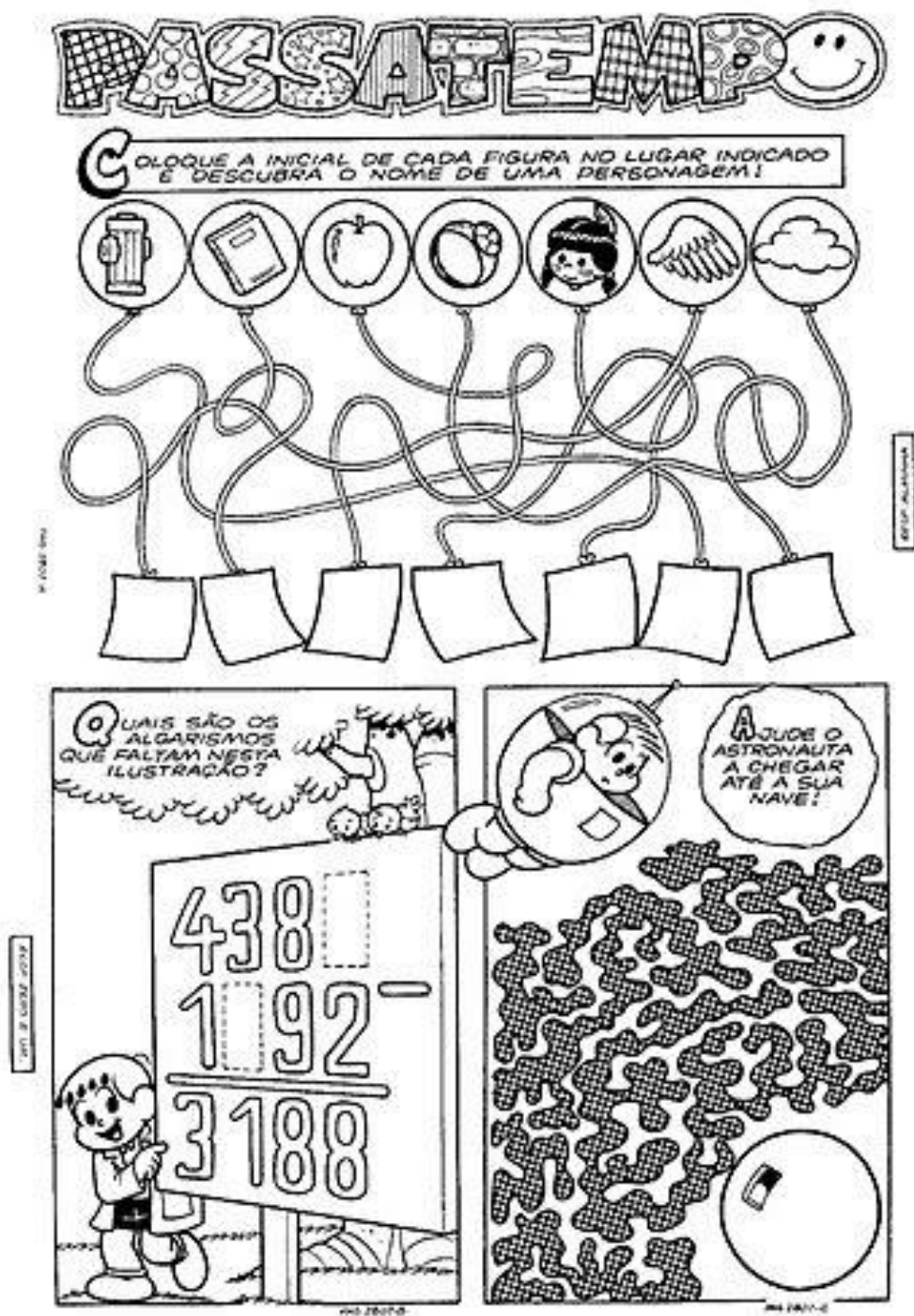


MAURICIO



RESP.: HORIZ.: ÁGUA,
PROTETOR, CHAPÉU, ÓCULOS,
VERT.: GUARDA-SOL.

ANEXO C



Fonte: Turma da Mônica

ANEXO D

traBrincar - Uma proposta de orientação vocacional profissional para crianças das séries iniciais do ensino fundamental

16/07/2009

Autor e Coautor(es)

Autor: Rita de Cassia Louzeiro



BRASILIA - DF Universidade de Brasília

Estrutura Curricular

MODALIDADE / NÍVEL DE ENSINO

Ensino Fundamental Inicial

COMPONENTE CURRICULAR

Pluralidade Cultural

TEMA

Cidadania: diferenças e desigualdades



Dados da Aula

O que o aluno poderá aprender com esta aula

• Aprender suas próprias características, reconhecer-se como agente inserido em um contexto social amplo e compreender a função social do trabalho humano como instrumento de transformação pessoal e do meio. • Perceber as várias atividades profissionais com as quais convive como formas de mudar o meio. • Esta proposta apresenta e trabalha o conceito de escolha, fundamental para a definição de uma profissão no futuro.

Duração das atividades

Recomenda-se: -1 aula para uma explanação geral seguida da atividade "De onde veio isso?"; -1 aula para outras duas atividades ("Quem sou eu" e "Você escolhe"); -1 aula para as crianças mostrarem o resultado da atividade "O que as pessoas fazem" que será seguida da atividade "traBrincar". *a duração de cada aula fica a critério do professor, sugerimos 40 minutos como um tempo razoável; *a ordem proposta parece ser mais didática, mas o professor pode reordenar as atividades de acordo com o seu interesse e o de sua turma. Sugerimos apenas que a atividade "traBrincar" seja a última.

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno

sem pré-requisitos.

Estratégias e recursos da aula

Orientações ao professor:

Esta proposta de trabalho tem como base duas considerações: 1) desde o pré-escolar, a criança começa a internalizar o mundo que a cerca e; 2) a importância do autoconhecimento para uma boa escolha profissional, no futuro.

Não se pretende promover uma certeza da criança com relação a sua futura profissão, mas apresentar a ela as diferentes profissões de forma lúdica, visando, dentre outras coisas, que a criança se desvincule de possíveis preconceitos. São propostas atividades que buscam desenvolver a curiosidade sobre si e sobre o mundo e estimular a busca independente do próprio conhecimento. Dessa forma, considera-se que a orientação vocacional profissional nas séries iniciais serve bem à educação integral da criança, ajudando a prepará-la para as etapas educacionais posteriores.

Objetivos específicos: promover contatos diretos e/ou indiretos entre as crianças e as diversas profissões e ocupações. Promover a interação da turma durante as atividades de modo a favorecer o reconhecimento e valorização da diversidade de características pessoais e de pensamentos.

Estratégias/ aulas:

De onde veio isso? – instigar nas crianças a curiosidade sobre as coisas que a cercam e o interesse em saber como os objetos são feitos e por quem.

• Pode-se começar esta atividade fazendo uma brincadeira de adivinhação. Usando vendas, as crianças tateiam objetos (separados previamente pelo professor) e devem dizer suas características e, por fim, o que elas acham que é. Depois que a criança desvendar os olhos, a turma opina sobre de onde acha que veio ou de quem é feito e quem fez. O professor vai anotando no quadro os itens com as respectivas respostas. O professor pode mostrar de onde veio, do que é feito e qual profissional fez, pode dizer que não sabe a resposta de alguns itens para que as crianças perguntem em casa se alguém sabe. É bom para promover a curiosidade e para que os alunos saibam que eles podem produzir respostas e perguntas, não só a escola.

Quem sou eu? – Fazer com que a criança possa brincar com a própria imagem para estimular a percepção corporal. Fazer perguntas sobre a personalidade do aluno para que ele se interesse em saber quem é. O uso de espelhos não é direcionado nesta atividade.

• O professor distribui em cada mesa, cartões com perguntas sobre a personalidade de cada estudante. Cada criança pega um cartão, responde a pergunta e passa para outra que também responderá a mesma questão. Durante esta atividade, se possível, utilize espelhos espalhados pela sala. Podem ser espelhos grandes, pequenos, ou mesmo daqueles que deformam a imagem para que os alunos olhem e vejam a própria imagem aumentando e diminuindo. Pode ser usada também maquiagem para que os alunos brinquem de colorir os rostos uns dos outros, pode-se dizer para as crianças "deixe o seu amigo o mais engraçado que puder".

• Exemplos de perguntas para esta atividade: Qual a sua cor preferida? De que desenho você gosta mais? Qual o personagem mais legal? E também perguntas que envolvam escolhas: você gosta mais de abacaxi ou de banana? Gosta mais quando chove ou quando faz sol? Importante fazer perguntas relacionadas a como o aluno aprende. Quais as matérias que mais gosta, se prefere fazer os trabalhos sozinho ou em grupo, o que mais gosta e o que menos gosta na escola, etc. E sempre perguntar o porquê das respostas. **Você escolhe!** – a ideia é fazer com que a criança reflita sobre a importância de poder escolher algo. Não objetiva sanar todas as dúvidas dos alunos, mas, ao contrário, gerar mais dúvidas para que eles investiguem depois.

• Colocam-se vários brinquedos numa caixa. O professor vai entregando um brinquedo para cada criança, de forma aleatória (pode ser por sorteio) e deixa claro que elas não podem trocar de brinquedo. Depois que todos estiverem com um brinquedo, o professor promove a troca. Cada aluno levanta e diz qual brinquedo tem e se gostou ou não, se quer trocar ou não e por qual. Quem escolher trocar de brinquedo, deixa-o em um lugar da sala onde todos possam ver. Assim, ao final, todos terão feito escolhas e negociado a troca.

• Outra atividade proposta: pede-se que cada criança escreva num papel um personagem de que gosta muito. Pode ser de filme, de desenho ou mesmo uma celebridade, não importa, desde que a criança goste muito. Pede-se que a criança dobre e coloque o papel num saquinho. O professor sacode bem e redistribui os papéis aleatoriamente como num sorteio. E pede que cada um fale sobre o nome no papel como se fosse o personagem preferido. Depois de todos falarem, pede-se que contem qual era o personagem preferido e ocorrem as trocas e cada um fala sobre o seu personagem, dessa vez o que cada um escolheu mesmo.

• Durante um jogo qualquer em que quem perde um ponto tem que pagar uma prenda, também dá pra trabalhar a escolha. Na hora da prenda, o aluno pode escolher o que vai fazer ou deixar que o grupo adversário escolha. Poder escolher ou não pode ser decidido por sorteio ou por outro critério de caráter aleatório. A escolha pode ser livre ou dentro de um conjunto pré-determinado. O importante é que a criança perceba bem a diferença entre poder e não poder escolher que prenda vai pagar.

Continua

O que as pessoas fazem?

• Pede-se que a criança pergunte para as pessoas qual a profissão delas ou o que elas fazem no trabalho. E que se perguntem quem fez as coisas com as quais elas têm contato (pré-requisito: atividade “De onde veio isso?”). Na aula seguinte, cada um diz o que conseguiu descobrir, como num trabalho de detetive. Diante das respostas dos alunos, o professor faz a sua fala de forma breve sobre como o homem muda a paisagem, cita exemplos trazidos pelos alunos, fala da sua profissão, etc. Nesta atividade, deve-se promover o conhecimento sobre várias profissões. Para tal, podem-se usar cartões com a imagem do profissional e sua descrição no verso. Podem ser usadas fotos de revistas, em que a criança recorta fotos de pessoas e cria uma profissão para elas; neste caso, sempre perguntar por que a criança pensou em tal profissão para tal pessoa e trabalhar os possíveis estereótipos. Podem ser usadas revistas para que as crianças montem uma cidade numa cartolina, ou uma empresa, ou digam o que elas acham que foi feito pelo homem e o que elas acham que não. Sair para conhecer a escola, os profissionais que atuam nela também é interessante nesta atividade. O importante é promover o maior contato possível com as profissões e o que as pessoas fazem para mudar o mundo.

• **traBrincar.** Esta série de atividades termina numa grande brincadeira. O professor coloca os brinquedos no chão da sala e diz que cada um poderá escolher o brinquedo que quiser para ser o que quiser. E deixa a criançada brincando livremente. O professor vai passando e perguntando o que cada um é, o porquê da escolha e o que ele faz nessa profissão que ele escolheu. É importante o professor promover a troca de profissões e entrar na brincadeira também, além de propor sempre uma nova profissão, profissões diferentes.

Como sugestão, de acordo com a receptividade da turma, o educador pode desenvolver uma pequena peça ou encenação teatral. Os personagens podem exercer as profissões com as quais as crianças tiveram contato.

Outras atividades podem ser criadas pelo professor desde que envolva a mistura entre o conceito de trabalho humano e o de brincar.

Visitas a empresas podem ser úteis, mas só entram no grupo traBrincar se as crianças puderem brincar durante a visita (por exemplo, plantar uma árvore de forma lúdica durante a visita a um parque florestal para conhecer o trabalho que é feito no local). Caso isso não seja possível, tal atividade pode ser encaixada no grupo “o que as pessoas fazem?”.

Outro modo pode ser apenas deixar que as crianças brinquem livremente, sem direcioná-las. O simples ato de brincar, geralmente, envolve a interpretação de papéis, como a criança teve contato com conhecimentos ligados a trabalho e profissão, boa parte de sua brincadeira será direcionada naturalmente para este tema.

Observação: **traBrincar** é um termo que eu criei para designar uma atividade em que a criança pode brincar sobre o trabalho humano e trabalhar sobre o brincar. A letra “B” é maiúscula para evidenciar que o brincar está mais presente no conceito do que o trabalho. Além de ser uma brincadeira com a palavra, já que não existe palavra com letra maiúscula no meio.

Recursos Complementares

Espelhos de vários tipos; Vendas para os olhos; Objetos (para a adivinhação); Brinquedos de vários tipos – podem ser artesanais, o requisito é que possam ser usados para representar as mais diversas profissões.

Avaliação

Não há avaliação para esta atividade.



Continuação

Fonte: Ministério da Educação